

## 1. Introdução

Neste artigo estarei fazendo uma breve análise das representações produzidas sobre a figura do imigrante português em fins do século XIX e início do século XX na imprensa carioca, com destaque para a imprensa jacobina, procurando identificar esse discurso como responsável pela criação de determinados estereótipos. As complicadas relações entre brasileiros e portugueses, que datam desde os tempos da Colônia, assumem seu caráter mais agressivo durante o movimento jacobino e podem ser expressas através dos artigos e crônicas produzidas à época, em que se observa a preocupação de excluir os portugueses de um incipiente processo de construção da Nação através da ridicularização de sua imagem.

## 2. O contexto da imigração e seus personagens

A imigração lusitana sempre teve como característica marcante a sua continuidade. Confundiu-se com a conquista e colonização, intensificou-se após a independência e adentrou o século XX (Florentino & Machado, 2002: 91). Mas é em fins do século XIX que vamos presenciar o que ficou conhecido pela historiografia como *Imigração de Massa*, em sua maioria formada por jovens que vinham das regiões mais pobres de Portugal na esperança de *fazer a América*.

Segundo Gladys Ribeiro, de 1884 a 1930 entraram quatro vezes mais portugueses no Brasil que entre os anos de 1820 e 1883 (Ribeiro, 1990: 9). Esse fenômeno explica-se tanto pelas condições estruturais das regiões de emigração portuguesa, marcadas por problemas como constantes crises agrícolas, altas taxas de fecundidade feminina, predomínio de pequenas propriedades e heranças com partilhas estritas, quanto pela conjuntura brasileira, em que o fim do tráfico de escravos levava à queda no preço das passagens nos navios e ao aumento dos subsídios concedidos pelo governo brasileiro, a fim de estimular a entrada de trabalhadores livres. De caráter marcadamente regionalizado e urbano, essa corrente imigratória vai se fixar principalmente em grandes centros, como Rio de Janeiro e São Paulo.

No Rio de Janeiro vão se transformar no grupo mais expressivo de imigrantes. Como eram em sua maioria analfabetos e possuíam pouca ou nenhuma qualificação profissional, aceitavam serviços pesados e de baixa remuneração, atividades que antes eram realizadas por escravos. Verdadeiros burros de carga, envolveram-se na luta árdua pela sobrevivência na capital, onde o velho e o novo caminhavam lado a lado, vivendo, nas palavras de Lená Menezes, *num teatro de luzes e sombras*, e suportando, ao lado de negros e mestiços pobres, o drama da modernidade (1996: 13). Como vinham muitos solteiros, eram homens pobres que iam habitar cortiços e bairros mais modestos, onde predominava o elemento negro remanescente do tempo da escravidão, acabando por se envolver aqui com alguma negra ou mulata<sup>1</sup>.

Os que tinham um pouco mais de sorte começavam como caixeiros, trabalhando duro para um patrão também português. Juntavam algum dinheiro e acabavam abrindo seu próprio negócio, ou tornavam-se sócios de seu patrão, geralmente em estabelecimentos ligados ao comércio de gêneros básicos da alimentação da população, como padarias, leiterias e armazéns. Invadiram também as oficinas e os estabelecimentos comerciais e, praticamente, monopolizaram o setor de obras públicas e transportes, tendo sido o português condutor de bondes imortalizado como personagem característico do cenário carioca.

É a partir dessa realidade que o preconceito contra o português no Rio de Janeiro vai se intensificando e, segundo Gladys Ribeiro, o antilusitanismo é recriado. Para a autora, o antilusitanismo constituiu-se na resistência por parte da população carioca ao assalariamento e à exploração econômica. Assalariamento porque ao aceitar condições de trabalho que o brasileiro, com toda a sua *malandragem*, recusaria, praticava uma concorrência desleal no mercado de trabalho. Exploração por monopolizarem o comércio varejista em geral e serem donos da maioria das casas de aluguel da cidade (1987: 60).

Acusados de cobrarem aluguéis extorsivos e juros alto sobre dinheiro emprestado pesava ainda sobre o português a imagem de comerciante desonesto, sendo sempre suspeitos de estarem pondo água no leite, areia no pão e práticas menos honestas. A lusofobia nesse período reaparece portanto de modo intenso,

---

<sup>1</sup> É a partir dessa realidade que a paixão do português pela mulata vai se fixar como um dos aspectos mais marcantes do estereótipo do português no Brasil, representado principalmente nas caricaturas, no teatro de revista e na música popular brasileira. Essa temática foi trabalhada por mim e por Isabel Lustosa em artigo anterior, que versa sobre a conformação do estereótipo do português no imaginário brasileiro. Ver mais in: Lustosa & Triches, 2006: 14.

pois “ (...) jamais pôde existir comércio de brandura e bem-querença entre conquistador e conquistado”, no dizer de Luiz Edmundo (1957: 993). Essa narrativa antilusitana alcança seu momento mais crítico durante o governo de Floriano Peixoto, materializada no discurso jacobino.

### 3. O jacobinismo e o “Marechal de Ferro”

O movimento jacobino, que se tornou extremamente forte no final do século XIX, com consequência para as duas primeiras décadas do século XX, esteve fortemente ligado à necessidade de consolidação da recém-inaugurada República. Segundo Luiz Antônio Simas, os jacobinos se colocavam como republicanos puros e históricos, sentiam-se imbuídos do dever de salvaguardar a República dos possíveis inimigos: todos que não compartilhavam de seus princípios<sup>2</sup>. Odiavam os monarquistas e desconfiavam profundamente dos adelistas, pois “se os primeiros eram vistos como viúvas ardilosas do trono real dispostas a lutar pela ressurreição do marido, os outros eram encarados como o lobo da fábula, que traja sorrateiramente a sua pele de cordeiro (1994: 13).

A República para os jacobinos era, antes de qualquer coisa, um objeto de crença. “O republicanismo adquire ares de religião, na medida em que a República funciona como um elo de ligação entre uma comunidade que se agrupa em torno dela, movida por um mesmo sentimento: a fé em seus desígnios” (Simas, 1994: 78). Os elementos do movimento jacobino vinham principalmente da classe média, eram a favor de uma República forte e militar. Defendiam os ideais de progresso, modernidade e civilização.

Lúcia Lippi aponta para uma posição comum dos intelectuais jacobinos frente a questão nacional, como a representada por Raul Pompéia: acusam o Império de ser responsável pelo atraso do país, apontam os Estados Unidos da América como modelo histórico a ser seguido e condenam a colonização e a presença portuguesa na vida política, econômica e social do Brasil (1994).

A penetração do movimento jacobino nas camadas mais populares estabeleceu-se pelo viés do radical antilusitanismo. Com um discurso agressivo,

---

<sup>2</sup> Luiz Antônio Simas faz nesse texto uma análise muito interessante da tentativa dos jacobinos de legitimar Floriano Peixoto como o maior herói da República brasileira. O autor defende que esse projeto de mitificar o Marechal apoiou-se na interpretação jacobina da Revolta da Armada de 1893 e da morte dele em 1895.

acusavam os portugueses pelos males que afligiam a população da Capital Federal, denunciando que o enriquecimento dos imigrantes portugueses era proporcional ao agravamento da situação de miséria dos brasileiros. Em 1892, Raul Pompéia, em crônica no *Jornal do Comércio*, já classificava os povos da capital em povo bom e mau. O primeiro era formado pelo brasileiro republicano, nacionalista e florianista, o outro era o português, anti-nacional e monarquista (Penna, 1997: 177). Essas idéias foram difundidas principalmente através da imprensa, encontrando nos jornais *O Jacobino*, de Deocleciano Martyr, e *A Bomba* (que depois passa a se chamar *O Nacional*), de Aníbal Mascarenhas, um importante instrumento de ação jacobina.

A imagem que esses intelectuais jacobinos criaram do imigrante português estava próximo do que consideravam ser a *barbárie*. Eram broncos, avarentos, inescrupulosos nos negócios, permissivos moralmente, imundos, mentirosos, transmissores de doenças, estimuladores da prostituição, enfim, representavam o atraso e o imobilismo de que o Brasil tanto queria se afastar nesses primórdios da República. Na tentativa de legitimar Floriano Peixoto como herói da República Brasileira, os jacobinos vão caracterizar o marechal por atributos extremamente opostos aos dos imigrantes portugueses, representando assim o “bom republicanismo”, o nacionalismo implacável, a lealdade à pátria e o compromisso com a nação (Simas, 1994: 18).

Floriano seria para os jacobinos o exemplo típico de escalada meritocrática do elemento militar, alheio ao filhotismo dos bacharéis e as “bilontrices” dos lusitanos. Representaria a reação ao antigo modelo de sociedade, em que a ascensão social se dava pela política de apadrinhamentos e favores. Por isso, apelavam para a origem humilde do marechal, sua vida particular, pautada pela “moral e os bons costumes”, sua vitória contra as adversidades da vida, seu amor pela nação, enfim, buscavam caracterizá-lo como um anti-português e o elemento luso como um anti-Floriano.

Esse discurso lusóforo não era ouvido somente entre os intelectuais jacobinos. Em um movimento que foi caracterizado por Penna de “republicanização das ruas”, grande parte da população carioca identificou-se com Floriano, passando a ver na figura do marechal a possibilidade da salvaguarda da “coisa pública” (Penna, 1997: 175). Entende-se como coisa pública nesse contexto questões referentes à sobrevivência dessa população carioca, como a alimentação, a existência de empregos e de habitações. O “florianismo de rua” seria composto

pelos agrupamentos civis, que pertenciam a estratos médios urbanos mais pobres, juntamente com a mocidade militar. Carentes de serviços públicos essenciais, afastados das formas institucionalizadas de participação política, transformaram os espaços públicos em um local onde puderam expressar seu apoio ao marechal, transformando-se na vertente mais espontânea do republicanismo radical. Os portugueses foram também percebidos por essa população como os grandes inimigos da nação, já que estava nas mãos desses imigrantes a maior parte desses serviços.

Foi durante a Revolta da Armada, no ano de 1893, que a oposição entre portugueses e brasileiros ficou definitivamente demarcada, e Floriano teve sua imagem de protetor da nação e do povo brasileiro consolidada. Liderada por Custódio de Mello, acusava o governo Floriano de arbitrário e inconstitucional. Foi apontada pelos jacobinos como uma conspiração que ameaçava frontalmente a República, uma tentativa de restauração da monarquia, como teria ficado explícito na entrada de Saldanha da Gama no conflito. A situação piora quando os navios portugueses, *Mindelo* e *Afonso de Albuquerque*, concedem asilo aos revoltosos. Floriano entrega imediatamente ao ministro português Parati seu passaporte e rompe relações com Portugal, relações essas que só seriam reatadas durante o governo do civil Prudente de Moraes.

O rompimento com Portugal levou os legalistas a associarem a República de Floriano à independência nacional. Seu gesto foi saudado nas ruas e fez crescer ainda mais a admiração dos segmentos populares, resultado também de algumas medidas populares tomadas pelo marechal durante a Revolta, que colocou galpões públicos à disposição do povo, forneceu alimentação às pessoas carentes e passagens gratuitas nos trens suburbanos, cedeu um quartel recém construído aos desabrigados e, principalmente, adotou uma postura de rigorosa repressão contra os abusos no comércio varejista. Assim, Floriano ganhava politicamente a “batalha” pela República e, de certa forma, a popularizava.

Para Penna, o período da Revolta foi como um momento de “catarse social” e “a colônia portuguesa no Rio sofreu como que a purgar pelos mandos e desmandos de seus antepassados” (1997: 157). O povo, revoltado com tamanha ingratidão por parte dos imigrantes, toma as ruas e sai à caça de portugueses e estabelecimentos comerciais, protagonizando cenas muito violentas que foram descritas pelo cronista Luiz Edmundo com grande pesar. Incendiam lojas,

apedrejam portugueses, “[...] é a labareda da discórdia reacesa e terrível que renasce” (Edmundo, 1957: 998).

Como podemos perceber, a Revolta da Armada foi decisiva na consolidação da empatia entre a população carioca e o “Marechal de Ferro”, representada, por exemplo, na mudança das placas das esquinas que desembocavam no Largo de São Francisco por outras, fundidas com o nome de Marechal Floriano. Este gesto, segundo Penna, sinaliza a simbólica “republicanização das ruas”, isto é, “introjeta a República e lhe dá um nome, um símbolo, como que a proclamar que o seu novo ‘Rei’ já estava aceito, mais por sua integração aos ritos da cidade do que pela sujeição ao seu mando” (Penna, 1997: 182).

As ruas do Rio de Janeiro passam a ser vistas assim mais do que como um espaço capaz de acolher revoltas, mas como um lugar onde é possível se fazer política, desenvolvendo um tipo de cidadania autêntica que expressava o valor da coisa pública. Assim, a nacionalidade brasileira era firmada via o antilusitanismo das ruas, na participação de conflitos em que se questionavam os direitos portugueses e se buscava afirmar os direitos brasileiros, nos xingamentos e na repulsa a tudo que vinha de Portugal. Gladys Ribeiro chamou esse nacionalismo de um *nacionalismo às avessas*, pois se dava com a afirmação do negativo. Ser brasileiro era negar o que era português (1987: 192).

#### 4. A imprensa carioca

Era também através da imprensa carioca de fins do século XIX e início do XX que se combatia a presença maciça dos portugueses no Brasil, sendo que alguns jornais chegaram a fazer verdadeira campanha a favor da expulsão desses imigrantes, considerados elementos perniciosos ao desenvolvimento da nação. Junto com outras formas de linguagem, como a caricatura, a música popular brasileira, o teatro de revista e as típicas piadas de portugueses, a imprensa carioca contribuiu para confirmar e perpetuar a imagem do português como um ser ignorante, porco, barrigudo, desonesto, ganancioso, imoral, explorador – tanto em termos econômicos quanto políticos –, entre outras infinitas caracterizações que se juntaram na consolidação de seu estereótipo.

Entre os nossos cronistas, Luiz Edmundo se destaca por seu caráter marcadamente antilusitano. O autor utiliza-se de uma linguagem peculiar ao falar

da figura do português, imitando de forma irônica e engraçada o modo de falar desses imigrantes, além de sempre narrar com muito desprezo a forma como um português consegue fazer fortuna na cidade do Rio de Janeiro. Veja-se, por exemplo, a descrição de um dono de armazém feita pelo autor:

*O Guimarães é o que acolá está no fundo do balcão, em mangas de camisa e de tamancas, como num pedestal, dessorando autoridade e importância, a barba por fazer, a cara por lavar, debaixo de uma sobrançelha que é um caramanchão, atento, policiando a caxeirada ativa, uns três simpáticos e ágeis rapazolas de 12 e 16 anos e que ele explora como veios de ouro. (Edmundo, 1957: 357).*

Em outra passagem, ao comentar sobre os mecanismos que possibilitam o português acumular as tão almejadas *libritas*, o autor complementa com uma dupla ironia à falta de inteligência do português e seu eterno apego ao dinheiro, afirmando que:

*Nem aos bancos para as guardar eles mandam, uns porque não sabem da existência dos mesmos, outros, por falta de confiança em homens que dão, em troca do ouro que entregam, um pedacinho de papel cheio de números e rabiscos. (...) Pois sim! O seguro é a canastra de corcunda com fechadura de ferro, com campainha de aviso e sobre a qual eles dormem, muita vez de bôrcó, para maior comodidade e segurança. (Edmundo, 1957: 119)*

Ao descrever os “tipos” que circulam pelo Rio de Janeiro àquela época, o autor sempre destaca os portugueses como aqueles que andam pelas ruas aos berros, fazendo estardalhaço, “bebericando copinhos da branca”. Derrubam-se uns aos outros, aos empurrões, aos socos, falam palavrões escabrosos, cospem no chão, são atrapalhados, mas nada disso espanta quem está passando, pois, segundo o autor, “tudo aquilo é piada”, é para gozar, para rir. Percebe-se assim uma tentativa por parte de Luiz Edmundo de naturalizar essas representações galhofeiras da figura do imigrante português.

Orestes Barbosa, apesar das décadas que o separam de Luiz Edmundo, também ficou conhecido por sua aversão aos portugueses, provando que as querelas entre Brasil e Portugal se prolongaram por bastante tempo. Seus escritos têm como principal objetivo retirar a importância de Portugal no processo de

construção da história nacional, procurando reservar a essa nação um papel negativo em nossa trajetória, expresso, por exemplo, no fato de terem sido os portugueses quem introduziram a escravidão no país. Observa-se assim na obra de Orestes Barbosa, e na de outros cronistas importantes como Antônio Torres, um esforço memorialístico ao tentarem construir uma nova narrativa para a história do país.

Barbosa é enfático ao negar qualquer relação de amizade entre as duas nações e denuncia a mentira dos lusos ao afirmarem serem os autores de nossa civilização, mostrando que, pelo contrário, são eles o maior empecilho ao progresso da nação brasileira, “a única terra no mundo em que o nacional é prejudicado e enxovalhado pelo estrangeiro perverso e usurpador” (Barbosa, 1925: 10). Insiste que para acabar com os problemas enfrentados pelo Brasil algumas medidas urgentes deveriam ser tomadas: regular a admissão de estrangeiros no comércio a varejo, tirar o português das cidades, nacionalizar a imprensa, acusada pelo autor de estar toda “comprada” pelos lusitanos e impedir que os estrangeiros (lê-se portugueses) exerçam cargos públicos (Barbosa, 1925: 75).

A imagem do português “porco” também aparece nos seus textos. Na crônica intitulada *Lisboa*, em que ele narra a sua passagem pela capital portuguesa, o autor conta uma história em que teria sido acusado por um criado de um hotel de “não ser muito certo dos miolos”, pois teria tomado três banhos em um único dia. Também critica o fato dos lusitanos afirmarem que o Brasil tem progresso por causa de Portugal, mostrando que nosso progresso teria sido conquistado às nossas custas. Em *A verdade* ele exemplifica essa afirmação comparando o imigrante português a outros imigrantes:

*Só abre venda e botequim, (...) fica nas capitaes, em mangas de camisa, atrás de um balcão onde envelhece sem ideal (...) O tamanco continua. Continuam os bigodes e os signaes de cabelo retorcidos. Continua o palito de plantão na boca e o palito na orelha, e o cuspir entre os dentes, original. Continua a grosseria intragável que é um ultraje, nos bond, nos estabelecimentos e nas ruas, à nossa civilização (Barbosa, 1925: 87-89).*

Como jornalista, Orestes Barbosa criticava o que não concordava com destemor e ironia, sendo algumas vezes preso pelo teor de seus artigos. Sua atividade na imprensa é uma mostra de que as representações sobre a figura do português continuavam a suscitar debates, fundando inclusive pela década de



1930, junto do caricaturista Nássara, *A Jornada*, jornal que durou seis meses e que teve como epígrafe *Não quero saber quem descobriu o Brasil; quero saber quem é que bota água no leite*, tendo como tema principal de discussão a questão da língua nacional.

Antônio Torres também dedicou um bom tempo de sua vida ao seu radical antilusitanismo, obtendo razoável sucesso em sua campanha contra os portugueses. A primeira edição do livro *As razões da Inconfidência*, de 1925, resultado de uma pequena conferência feita um ano antes em homenagem a Tiradentes, constava de três mil exemplares e esgotou-se em 15 dias, sendo sucedida por duas outras edições de igual repercussão. A proposta do livro é estabelecer uma dura crítica a manutenção das relações entre Brasil e Portugal, justificando o atraso do país através da incompetência da colonização portuguesa.

Em seus textos está presente o ressentimento daquele que viu os imigrantes desembarcarem com um baú nas costas, sem dinheiro, e depois se tornarem diretores de bancos, presidentes de associações de classe, donos de estabelecimentos comerciais, ficarem arrogantes e presunçosos, e tudo isso as nossas custas, diz ele. Suas denúncias também se dirigem à imprensa nacional que, segundo ele, teria verdadeiro pavor aos portugueses, pois além desses pagarem anúncios aos jornais, formavam uma espécie de elite influente, transformando o nosso jornalismo em "covarde" e "antinacionalista".

Com toda a sua *tamancofobia*, definição do próprio jornalista, dedica uma grande parte de seu livro para discutir essa suposta "subserviência" da imprensa carioca. Em "O horror à responsabilidade", ao falar das cortesias feitas por um jornal (não revela o nome) e seu diretor aos portugueses, solta a frase: "tal diretor de grande jornal que insulta, injúria, calúnia e desafia com arrogância o Chefe do Estado, treme todo se lhe entra pelo redatorial gabinete um pobre caixeirinho de botequim, português, de tamancos." (Torres, 1957: 40) Na verdade, essa influência dita perniciosa era sentida pelo autor em todas as instâncias da vida, sendo muitos os que viviam a *lamber tamancos*.

Como podemos perceber, o início do século XX mostra-se como um campo fértil para o debate na imprensa sobre as relações entre Brasil e Portugal. Apesar das claras demonstrações de lusofobia relatadas acima, nenhum jornalismo conseguiu superar a virulência da imprensa jacobina com relação aos nossos "velhos irmãos".

#### 4.1. *O Jacobino*

A imprensa em fins do século XIX funcionou como um instrumento importante na divulgação do ideário jacobino, sendo também responsável pela fomentação do sentimento antilusitano. Os principais jornais jacobinos no Rio de Janeiro eram *O Jacobino*, de Deocleciano Martyr, e *A Bomba*, de Aníbal Mascarenhas. Optei por trabalhar com o primeiro devido ao seu caráter mais agressivo e panfletário, além do fato de seu texto ser todo recheado de ironias e de um humor peculiar<sup>3</sup>.

Deocleciano Martyr é apresentado dessa forma por Luiz Edmundo: “tipo meio doido, impulsivo, muitíssimo apaixonado, andando de muleta e dela, muitas vezes, valendo-se como arma de combate, sempre que em rugas de calçada se metia” (1957: 1000). Diferentemente de Aníbal Mascarenhas, historiador e professor, Deocleciano não possuía nenhuma formação intelectual e seus textos eram cheios de erros de português, fato que Artur Azevedo, mesmo sendo fiel simpatizante ao Marechal Floriano, não deixou de ironizar, como podemos ver nessa quadrinha: “Apareceu, ganhou fama/ abre-o leitor e logo vês/ que ele é fiel ao programa/ de fazer guerra ao português” (Apud: Lustosa, 1993).

Luiz Edmundo ainda caracterizava o trabalho do diretor e redator de *O Jacobino* de mefistofélico, ao explorar, a seu modo, o sentimento popular (1957: 1003). E esse apelo era realizado utilizando-se uma linguagem nada comedida, em que procurava alertar os brasileiros do perigo de se deixar os portugueses soltos pelo país. Sua agressividade era tamanha que a folha chegou a ser empastelada por portugueses que destruíram sua oficina, ficando um período impedida de circular.

O jornal caracterizava os portugueses como “exploradores miseráveis”, depravadores, conspiradores, comparando-os a figura de Judas. Denunciavam a maciça ocupação de cargos públicos por esses imigrantes e exigiam como providência imediata a demissão de todos eles. Culpavam os portugueses de serem os inventores do boato, da fofoca, da difamação, além de terem sido responsáveis por introduzir a escravidão no Brasil. Zombava da “linguagem atamancada” dos portugueses, que não conseguiriam ditar uma frase sequer sem trocar o v pelo b, e

---

<sup>3</sup> O jornal *O Jacobino* encontra-se microfilmado na Biblioteca Nacional. Seus números estão incompletos e muitos em péssima conservação.

de sua eterna imagem de ignorante, característica muito explorada pelas conhecidas piadas de português.

Em uma rápida passagem pelos títulos dos artigos da folha já podemos perceber o caráter do ataque que faziam: “Que Cavalgada”, “Kagados”, “Corja”, “Gatunos”, “Que Burros”, “Canalhão”, “Ladrões”, “Mata Galego”, “Miseráveis Bandidos”, entre outros de igual expressão. Acusavam os imigrantes de acender uma vela a Deus e outra ao Diabo, de serem desonestos, dando trocos errados e passando moedas falsas, de serem o mais “inepto” e “desastrado” de todos os povos colonizadores.

Em alguns momentos vão tão baixo nos ataques que se chega a reproduzir historinhas como essa:

*É a primeira vez que vemos uma anedota de portuguez que tenha espírito: Esmagado pelo caminhão que conduzia, devido ter cahido debaixo das rodas, falece no hospital de Midericórdia o portuguez Eduardo Baventura Salamonde. Esse bruto momentos antes tinha passado uma descompostura num brasileiro. Bem feito; é um de menos!<sup>4</sup>*

A essas historinhas juntavam-se algumas atitudes descabidas, como a que eles chamavam de “comemoração patriótica”, em que visitavam os cemitérios no dia de Finados para percorrer as sepulturas de portugueses e, com entusiasmo, saudar tão bem apropriados falecimentos. Também festejavam no jornal cada navalhada que os portugueses tomavam dos capoeiras, pois estariam limpando assim a sujeira representada por esses imigrantes.

Nos meses em que ocorria a Festa da Penha, tipicamente portuguesa, os artigos exaltavam principalmente o caráter imoral “daqueles romeiros”, em que se viam homens completamente embriagados, vestidos com costumes campestres, chapéus longos e desabados, com grandes chifres cheios de vinhos a tira colo, falando palavrões e obscenidades; as mulheres seriam grotescas, suarentas, uma verdadeira “bacanal”:

*(...) O pretexto dessa bacanal imunda são umas credices absurdas, vindas tradicionalmente da idade média e que fizeram casa em Portugal – os milagres da Senhora da Penha!... (...) é um baixo carnaval religioso*

---

<sup>4</sup> O Jacobino, 26/09/1894.

*(...) oferece ansejo ao desencadeamento de todos os vícios e das paixões mais brutas e sanguinárias.*<sup>5</sup>

São muitos os artigos dedicados a criticar os festejos da Penha como um “costume selvagem”, assim como no intitulado “O Bachanal da Penha”<sup>6</sup>, em que se chega a exigir a proibição da festa, considerada um desaforo e um deboche. Como a população negra vai aos poucos ganhando espaço na Festa, as ridicularizações dos romeiros portugueses passam a ser acompanhadas de críticas feitas ao costume desses imigrantes de se amaziarem com mulatas, descritas como “uniões ilícitas” que exerceriam influência negativa sobre os costumes gerais “da população honesta”. Denunciam que, muitas vezes, essas mulheres chegam a alugar seus serviços de cozinheiras e amas para sustentarem seus amantes, quando estes não se querem dar ao trabalho, “no intuito de pagarem o amor illusorio de que ellas se julgam alvo”<sup>7</sup>.

Os portugueses são tachados de “os sem pátria”, “ciganos sem lar”, que abandonam as famílias na penúria e se atiram no Brasil com o único intuito de ganhar dinheiro, de explorar o brasileiro e, “depois de engordar, quaes suínos, a poder de muito caldo d’unto, bacalhao e ‘binho verde’, regressar a Portugal onde vão gastar o cobrinho ganho”<sup>8</sup>. É recorrente também a imagem da burrice em frases feitas como essas:

*O Português só sabe contar até 2, o resto ele conta nos dedos ou com riscos de carvão na parede!*<sup>9</sup>

*Dizem os espíritas que os portugueses, todas as vezes que têm de reaparecer em outra vida, reencarnam em burros (...) e outros semelhantes*<sup>10</sup>.

*Porque será que a sombra do jumento se parece tanto com a do portuguez? Será pela força da sympatia que entre elles existe?*<sup>11</sup>

---

<sup>5</sup> *O Jacobino*, 13/10/1894.

<sup>6</sup> Essas imagens dos portugueses na Festa da Penha também são muito trabalhadas pelas caricaturas da época, presentes nas principais revistas ilustradas do início do século XX.

<sup>7</sup> *O Jacobino*, 24/10/1894.

<sup>8</sup> *Id. Op. Cit.*

<sup>9</sup> *O Jacobino*, 22/09/1894.

<sup>10</sup> *O Jacobino*, 3/10/1894.

<sup>11</sup> *O Jacobino*, 15/12/1894.

Para o jornal *O Jacobino* os portugueses são todos uns “porcos imundos” e Portugal o “reino da sujeira”, país onde “não se usa mudar a roupa nem mandá-la para a lavanderia, ficando os portugueses com ela no corpo até apodrecer”<sup>12</sup>. Os portugueses seriam os “inventores do chulé”, ficariam pelas ruas a assoar o nariz e “escarrar o grosso”. “O abandono em que vegeta o corpo de um português é tal, que alguns ratos da própria terra d’eles, tem repugnancia uns dos outros”<sup>13</sup>.

Simas nos alerta para o fato de que o jornal via no elemento indígena um representante da nossa nacionalidade, chegando a deflagrar uma campanha para se batizarem os filhos com nomes indígenas. Os nomes portugueses eram rechaçados como contrários ao nosso progresso e civilização. “Agindo assim, eles negavam a herança colonial européia e afirmavam o elemento indígena como brasileiro por excelência” (Simas, 1994: 53).

Como podemos perceber, o jornal *O Jacobino*, assim como outras publicações jacobinas, realizaram um ataque direto a figura do imigrante português, culpada por todos os males que assolavam o país. Mais uma vez recorreu-se ao seu estereótipo de ignorante, explorador, sovina e desonesto na tentativa de se justificar as constantes campanhas contra a sua presença. Na verdade o que estavam questionando era a sua participação na construção do Brasil como uma nação moderna, uma vez que seriam o exemplo vivo do atraso e do imobilismo. Algumas dessas imagens criadas permanecem no imaginário social até hoje e podem ser expressas, por exemplo, pelas famosas piadas de portugueses.

## 5. Bibliografia

BARBOSA, Orestes. *O Portuguez no Brasil*. Rio de Janeiro: s/ indicação, 1925.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1957.

FLORENTINO, Manolo & MACHADO, Cacilda. “Imigração portuguesa e miscigenação no Brasil dos séculos XIX e XX”. In: LESSA, Carlos (Org.). *Os lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro: Record/FAPERJ, 2002, p. 91-116.

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. “Migração Portuguesa no Brasil”. In: *Revista Brasileira de História*. vol.23, no.45 . São Paulo: Editora Hucitec, 2003.

---

<sup>12</sup> *O Jacobino*, 22/09/1984.

<sup>13</sup> *O Jacobino*, 19/01/1895.

- LUSTOSA, Isabel & TRICHES, Robertha. "O Português da Anegota". In: LUSTOSA, Isabel (org.). *Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2007 (no prelo).
- LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo método confuso: humor e boemia em Mendes Fradique*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Insultos Impressos: A Guerra dos Jornalistas na Independência (1821-1823)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Arthur Azevedo e sua época*. Rio de Janeiro: Saraiva, 1953.
- MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1997.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Nós e eles, relações culturais entre brasileiros e imigrantes*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- PENNA, Lincoln de Abreu. *O Progresso da Ordem: o Florianismo e a construção da República*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.
- RIBEIRO, Gladys Sabina. *"Cabras" e "pés-de-chumbo": os rolos do tempo. O antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930)*. Niterói: UFF, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Mata Galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- SIMAS, Luiz Antônio. *O Evangelho segundo os jacobinos: Floriano Peixoto e o mito do Salvador da República Brasileira*. Rio de Janeiro: dissertação de mestrado, UFRJ, 1994.
- TORRES, Antônio. *As razões da Inconfidência*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1957.
- VIEIRA, Nelson. *Brasil e Portugal, a imagem recíproca: o mito e a realidade na expressão literária*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991.

Resumo: O artigo versa sobre as representações que foram produzidas na imprensa carioca em fins do século XIX e começo do XX sobre a figura do imigrante português, entendendo ter sido esta um instrumento importante na consolidação de determinados estereótipos que persistem até hoje.

Palavras-chave: República, Portugueses, Imprensa, Jacobinismo, Antilusitanismo.

\*Robertha Triches é graduanda de História na Universidade Federal Fluminense (UFF) e estagiária da Cientista Política Isabel Lustosa através do convênio Fundação

Casa de Rui Barbosa (FCRB)-CIEE, tendo escrito o artigo "O Português da Anedota", em co-autoria com a mesma.